



Um narrador entre ruínas

Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum

Jander de Melo Marques Araújo*

Chamo de novela o livro *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum (2008). Primeiro, devido à sua natureza física, pois possui cerca de cem páginas. Ademais, por causa dos poucos personagens, os quais, bem trabalhados, potenciam bastante uma história nesse formato. Mas, principalmente, chamo de novela pelo destaque que um narrador pode ter nas ficções mais curtas. No caso, é um narrador-personagem que enovela de forma eficiente os personagens secundários. No fim da obra, concluímos que estamos diante de um genuíno contador de histórias. Um daqueles contadores orais que com poucas palavras conseguem configurar uma vida para, logo em seguida, por meio de algumas situações, revelar a decadência da mesma vida. É o que consegue Arminto Cordovil, que conta o que viveu sem meias palavras e, à sua maneira, torna ainda mais tensa a narrativa.

O livro se faz flutuante, afinal, como o próprio narrador diz, conta “o que a memória alcança, com paciência” (p. 15). Narra sua existência como herdeiro de uma grande companhia de navegação na região amazônica, precisamente em Manaus e Vila Bela. Quando o pai morre, recebe com bastante indiferença os negócios. Quer viver de renda e sempre reluta ao ser chamado para resolver problemas da empresa.

* Mestre em Teoria Literária (UFRJ).

Arminto é obcecado por Dinaura, órfã que vive numa casa de meninas, por quem se apaixona. Enigmática, pouco faladora, Dinaura desaparece em muitos momentos, o que torna Arminto um apaixonado, com foco num amor quase platônico, à procura de uma mulher espectral e enigmática. A busca pela presença de Dinaura é entremeada pela falência da empresa da família e por um virtual afastamento de Manaus. Digo virtual para caracterizar a busca febril de Arminto pela amada.

Tais peripécias tomam a maior parte do livro. Entre aparecimentos e desaparecimentos, Dinaura acaba sendo a representação do mito amazônico do Eldorado. O mito conta como os ribeirinhos são levados por seres das águas e das florestas, vindo a desaparecer no fundo do rio, mas encontrando felicidade e justiça numa terra encantada. Dinaura é cativa desse mito amazônico.

Arminto tem consciência do destino encantado de Dinaura. Tanto que a narração é entremeada por passagens lancinantes como esta: “o olhar dela era só feitiço: parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio” (p. 31). Ela é a paixão e o enigma de Arminto, cuja busca é também uma tentativa de decifração do mito. O protagonista nega a possibilidade dos mitos mas convive com eles, porque sabe que sua terra é mitológica. Seu povo é embebido profundamente pelas histórias indígenas e pelo domínio sufocante dos rios e das matas do Norte.

Mais para o fim do relato, o narrador parece se render - talvez devido à dúvida enlouquecedora sobre o destino de Dinaura - ao destino encantado da mulher por quem se apaixonou. Quando alguns turistas perguntam para quem ele daria os tecidos que quer lhes vender, surge o seguinte diálogo: “Para minha amada Dinaura./ Morreu? / Não, anda por aí, em alguma cidade encantada. Mas um

dia ela volta. Se vocês ouvirem esse nome, é ela, não tem outra no mundo” (p. 87).

Arminto convive com as sombras e as visões de Dinaura. Tal obsessão, aliada ao fato de ser perdulário, leva-o a se afastar dos negócios que eram a ambição constante do pai e a cair em uma decadência financeira e moral tamanha que passa os últimos dias numa tapera. Depois do declínio, com a perda do comércio de navegação familiar e o gasto de toda a herança, faz o seguinte balanço: “Por vingança e por prazer pueril eu tinha jogado fora uma fortuna. E olha só: não me arrependo” (p. 101).

A assertiva é arrogante, afinal em outros momentos Arminto critica a si mesmo, revelando-se um narrador que não só se esforça em recuperar as boas lembranças, mas também as consequências de sua vida vazia e fútil, desperdiçada, na maioria das vezes, em andanças por Manaus. Sobre sua decadência física, diz: “Agora sou uma carcaça, mas fui um jovem vistoso” (p. 40). À vista do naufrágio do cargueiro principal da empresa marítima da família - o Eldorado -, constata: “Eu não sabia de nada; a ignorância era a minha fraqueza” (p. 55). Por fim, diante da falência consumada: “Não era uma fatalidade. Não há fatalidade nessa história. Não me interessava o sonho de Amando nem a linhagem dos Cordovil. Eu me debatia agora com a falta de dinheiro” (p. 57).

Surpreende o modo sincero de o narrador trazer à tona sua história. Ele é crítico e contundente em seus comentários. Após a morte de Florita, que cuidou dele após a morte da mãe e uma das únicas pessoas a prendê-lo às lembranças mais nítidas do passado, Arminto chega a afirmar: “A morte de Florita rompeu os laços com o passado. Eu, sozinho, era o passado e o presente dos Cordovil.

E não queria futuro para homens da minha laia. Tudo vai acabar neste corpo de velho” (p. 94).

O narrador tampouco poupa a região. Fala das belezas do lugar, mas também das misérias e barbáries de uma “época que cheirava a fome e destruição, aqui e na Europa” (p. 72). Entremeia o passado com a situação presente. As lembranças de infância e a vida de luxo no palácio branco, na fazenda e na chácara da família dialogam com um presente decadente. Arminto vai perdendo cada objeto da herança: a casa, os móveis, até mesmo de forma simbólica o nome da família e uma pessoa especial, Florita.

Tudo isso é contado de forma condensada, simples, direta. Os diálogos, sem travessões e abertos em parágrafos, contribuem para que as conversas participem ativamente da narrativa da trajetória de vida de Arminto. As falas dos outros personagens, sem a licença dos travessões, são parte do próprio discurso do narrador. Configura-se, assim, a própria relação de Arminto com semelhantes: na forma de convites para o entendimento de sua própria existência a partir da alteridade.

Arminto conta percorrendo as ruínas do não lugar onde vive. Manaus, quase devorada pela floresta, pelos rios e por um clima sufocante à beira da catástrofe, pode ser considerada um não lugar, de tão estranho e forçoso que foi sua condensação urbana. Inicialmente, a família não parece vítima apenas de si mesma, de sua própria ganância e ilusão, mas do desaparecimento de um tempo áureo, de comércio intenso com a Europa, de pompa primeiro-mundista. A compra do cargueiro principal da empresa, bem como seu naufrágio, marcam a primeira parte do livro. Porém, a região volta a prosperar e Arminto é esquecido.

Eldorado, sabemos quase ao final, é também uma ilha para onde Arminto corre ao saber, por um amigo da família, que Dinaura poderia estar morando lá. Logo em seguida, um novo barco surge. Chama-se Paraíso. Com a vinda de novos trabalhadores para a região, um novo bairro desponta. É batizado de Cegos do Paraíso. De certa forma, o navio Paraíso remete ao cargueiro Eldorado. Ambos navegando nos rios de uma região com ciclos de fausto e decadência. Dependentes de um lugar convulsionado por rios, florestas e animais encantados. E com o abraço selvagem do mito: a origem virgem e encantadora de toda literatura.

Volta-se ao mito e, com ele, entende-se a importância social e física das narrativas para o homem. Como diz o próprio Hatoum no posfácio, “os mitos, assim como as culturas, viajam e estão entrelaçados. Pertencem à História e à memória coletiva” (p. 106). Quem duvidaria das histórias mitológicas, que, aparentemente fantásticas, guardam tanto dos anseios e das angústias da vida de cada homem? Como diz o narrador, “pensas que passaste horas nesta tapera ouvindo lendas?” (p. 103). Eis a natureza do literário, que a novela contém tão bem. Por meio do personagem principal, compreendemos a importância da narrativa, que, colada a memórias e lembranças, torna o passado vivo e o presente distante de um fim solitário e pobre em experiências.

